

Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul¹

Veronica Maioli-Azevedo^{2,3} e Viviane Stern da Fonseca-Kruel²

Recebido em 22/07/2005. Aceito em 18/09/2006

RESUMO – (Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul). O Município do Rio de Janeiro (RJ) possui 210 feiras livres cadastradas pela Prefeitura, destas 33 localizam-se nas zonas Norte e Sul do RJ. O presente estudo teve como objetivos conhecer as plantas medicinais e/ou ritualísticas vendidas em feiras livres no RJ, verificando suas indicações terapêuticas, posologia e procedência, valorizando o conhecimento empírico agregado dos erveiros e suas histórias de vida. Realizou-se 60 entrevistas semi-estruturadas e técnicas de observação direta e participante a 54 erveiros em 33 feiras livres. Relacionou-se 106 espécies vegetais distribuídas em 92 gêneros e 49 famílias; sendo 61 destas associadas exclusivamente ao uso medicinal, 19 ao uso ritualístico e 19 ao uso medicinal-ritual. Foram identificados múltiplos usos em duas espécies utilizadas como ritual-alimentar e quatro espécies medicinal-alimentar. As famílias mais representativas foram Asteraceae (18 espécies) e Lamiaceae (11 espécies). Em relação à procedência, 14% dos erveiros informaram que as espécies vendidas são cultivadas, 20% extraem da mata e 66% adquirem as plantas em grandes mercados do Município. Estas informações poderão subsidiar atividades que possam contribuir para melhor orientação sobre as plantas medicinais e/ou ritualísticas mais vendidas no RJ.

Palavras-chave: etnobotânica, feira livre, plantas medicinais, plantas ritualísticas

ABSTRACT – (Medicinal and ritual plants sold in street markets of Rio de Janeiro, RJ, Brazil: a case study in the North and South zones). Rio de Janeiro Municipality has 210 licensed street fairs of which 33 are located in the northern and southern zones. This study aims to identify the medicinal and ritual plants sold at the street fairs in Rio de Janeiro, verify therapeutic use, dosage and origin, and show the importance of the herb sellers's empirical knowledge and life histories. In 60 private interviews with 54 herb sellers, 106 species (92 genera; 49 families) were recorded: 61 for medicinal purposes, 19 for religious application and 19 for medicinal-religious purposes. Some species had multiple uses: two for religious-dietary purposes and four for medicinal-dietary use. The most representative families are Asteraceae (18 species) and Lamiaceae (11 species). As regards origin, 14 % of the herb sellers reported that the species sold were home-grown, 20% extracted them from the forest and 66% purchased them from the large municipal open markets. This data will improve our knowledge of the medicinal and ritualistic species sold in street markets of Rio de Janeiro.

Key words: ethnobotany, street markets, medicinal plants, ritual plants

Introdução

A etnobotânica pode ser definida como o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e todos os tipos de inter-relações: ecológicas, evolucionárias e simbólicas; reconhecendo a dinâmica natural das relações entre o ser humano e as plantas (Alexiades 1996). Os estudos etnobotânicos são importantes especialmente no Brasil, uma vez que seu território abriga uma das floras mais ricas do mundo, da qual 99% são desconhecidas quimicamente (Gottlieb *et al.* 1998).

A utilização de plantas medicinais e rituais no Brasil é uma prática comum resultante da forte influência

cultural dos indígenas locais miscigenadas as tradições africanas, oriundas de três séculos de tráfico escravo e da cultura européia trazida pelos colonizadores (Almeida 2003).

As feiras livres são um manancial, praticamente inexplorado, de investigações etnobotânicas que podem fornecer informações da maior importância para o conhecimento da diversidade, manejo e universo cultural de populações marginalizadas.

O uso e o comércio de plantas vêm sendo estimulados, nas últimas décadas, pela necessidade de uma crescente população que busca uma maior diversidade e quantidade de plantas para serem utilizadas no cuidado da saúde e também aplicadas em

¹ Monografia de iniciação científica da primeira Autora

² Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rua Pacheco Leão 915, Jardim Botânico, 22460-030 Rio de Janeiro, RJ, Brasil

³ Autor para correspondência: maioli@jbrj.gov.br; vmaioli_az@hotmail.com

tradições religiosas. No Brasil há crescente interesse e busca pela medicina tradicional e pela Fitoterapia (Almeida 2003) que ocorre devido a vigente carência de recursos dos órgãos públicos de saúde e incessantes aumentos de preços nos medicamentos alopáticos, bem como dos efeitos colaterais apresentados por alguns destes medicamentos (Parente & Rosa 2001). É notório o interesse por tais plantas, tanto em âmbito nacional quanto internacional, pois estas apresentam um potencial terapêutico e econômico, visado especialmente pela indústria farmacêutica que realiza a prospecção de novos produtos (Camarra 1995; Simões *et al.* 1998; TRAFFIC 2001).

A prática da medicina tradicional está incluída e reconhecida no sistema primário de saúde em países em desenvolvimento (Akerle 1988; Bodeker 1994; Cunningham 1993; Sheldon, Balick & Laird 1997; Balick *et al.* 2000). A Organização Mundial de Saúde (WHO 2002) estima que cerca de 80% da população mundial depende de plantas para o cuidado com a saúde, relatam ainda, que 85% da medicina tradicional envolvem o uso de plantas medicinais, seus extratos vegetais e seus princípios ativos (IUCN 1993). Estima-se que o mercado atual de medicina tradicional movimentava 60 milhões de dólares nos EUA (OMS 2002).

Segundo Martin (1995) estudos detalhados sobre os recursos biológicos vendidos em mercados locais são fundamentais para uma pesquisa econômica completa, pois muitas plantas úteis apresentam valor estritamente regional que só pode ser descoberto a partir de conversas diretas com os produtores, consumidores e vendedores. Tais estudos são fundamentais e urgentes no Brasil, principalmente para obter informações sobre o comércio de plantas medicinais, pois o extrativismo destas é predatório e tem levado a reduções drásticas destas populações naturais, devido ao desconhecimento dos mecanismos de perpetuação das plantas medicinais nas florestas (Reis 1996).

No Brasil, as feiras livres e os mercados surgiram em 1841, como uma solução para o abastecimento regional de produtos, substituindo as bancas de pescada (Gorberg & Fridman 2003). Nestas feiras e mercados instituídos pelo governo, só se vendiam certos artigos, em lugares específicos e com taxas estabelecidas pelo poder municipal. Os primeiros decretos já manifestavam preocupações com: a higiene dos feirantes; o respeito ao público; informações sobre os preços dos produtos e ainda com a formação de uma ética profissional (SAREM/SEPLAN-RR 1982).

Atualmente, dentre os mais importantes mercados do Rio de Janeiro estão, o Centro de Abastecimento do Estado da Guanabara (CADEG), Centro Estadual de Abastecimento (CEASA) e o Mercado de Madureira, os quais são os principais locais de abastecimento e repasse de produtos vegetais para a cidade do RJ.

Poucos são os estudos relacionados à comercialização de plantas em feiras e/ou mercados no Brasil (Berg 1984; M.M. Stalcup, dados não publicados; Santos & Silvestre 2000; TRAFFIC 2001; Parente & Rosa 2001; Almeida & Albuquerque 2002; Shanley *et al.* 2002; Pinto & Maduro 2003; Azevedo & Silva 2006).

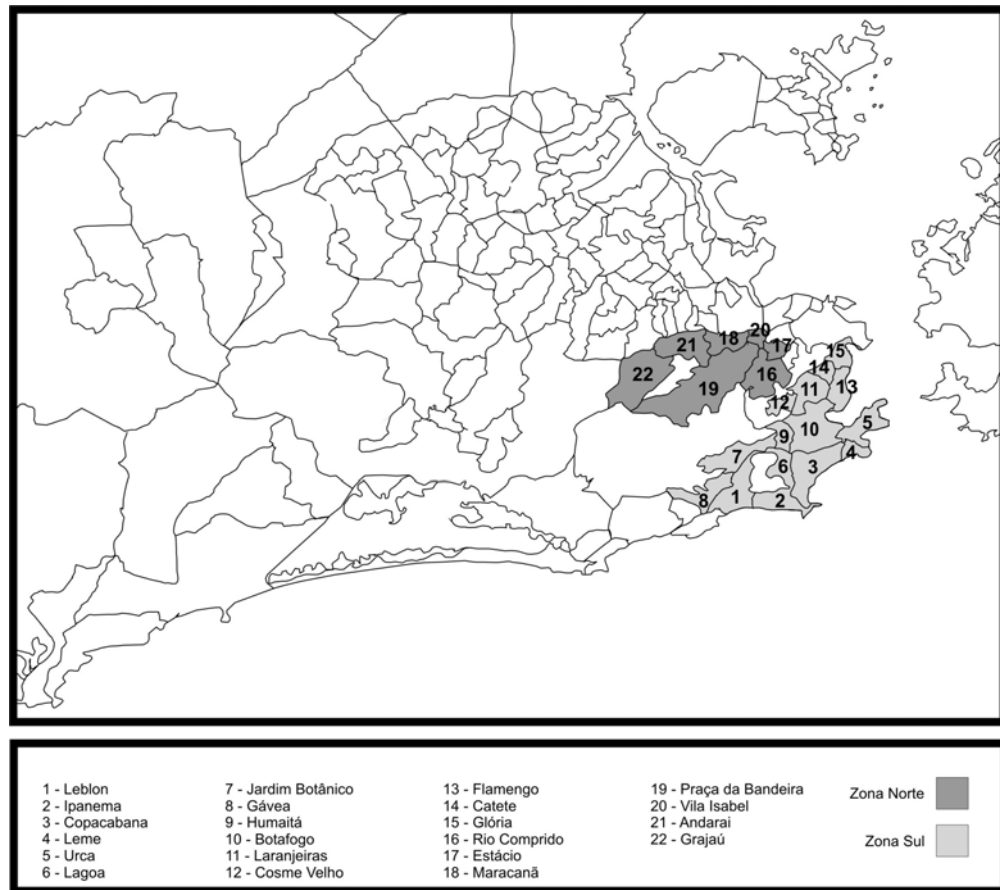
O presente estudo teve como objetivos, identificar as plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres do Município do Rio de Janeiro; verificar as suas respectivas indicações terapêuticas, bem como analisar a importância relativa destas espécies vendidas, valorizando o conhecimento empírico agregado aos erveiros. Este trabalho é parte do projeto Flora de Importância Econômica do Rio de Janeiro que vem sendo desenvolvido em parceria com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Material e métodos

O estudo foi realizado nas feiras livres do Município do Rio de Janeiro (RJ) localizado entre as coordenadas geográficas, 22°54'23" S e 43°10'21" W. O município possui 1.255,3 km²; 32 Regiões Administrativas (RA) que englobam 159 bairros distribuídos nas zonas Norte, Sul, Leste e Oeste; apresenta uma população com cerca de 5.857.904 pessoas (Prefeitura do Rio de Janeiro 2003).

Para esta pesquisa selecionou-se cinco Regiões Administrativas que englobam os bairros da Tijuca, Maracanã, Vila Isabel, Andaraí, Grajaú, Rio Comprido e Estácio (zona Norte); Glória, Catete, Flamengo, Botafogo, Humaitá, Laranjeiras, Cosme Velho, Copacabana, Ipanema, Leblon, Gávea e Jardim Botânico (zona Sul) (Prefeitura do Rio de Janeiro 2003) (Fig. 1).

No período de maio/2003 a junho/2004, foram visitadas 33 feiras livres cadastradas pela Prefeitura do RJ, sendo 16 destas referentes à zona Norte, e 17 a zona Sul do Município do RJ. Nestas visitas procurou-se entrevistar todos os erveiros das feiras em estudo. Logo, foram realizadas 60 entrevistas a 54 erveiros, sendo 25 do gênero masculino e 29 do gênero feminino, com idades entre 25-65 anos. Do total dos erveiros



Fonte: Instituto Pereira Passos - IPP / DIG - Geoprocessamento - 1999

Figura 1. Mapa de parte do Município do Rio de Janeiro. Em destaque as Zonas Norte e Sul.

entrevistados, 24 encontram-se na zona Norte, e 30 destes na zona Sul. Técnicas de observação direta (Cotton 1996); Listagem Livre (“free listing”), adaptada de Weller & Kimball Romney (1988) e Bernard (1989); além de questionários estruturados, com perguntas diretas e fechadas adaptadas de Alexiades (1996), foram utilizadas junto aos erveiros.

A técnica de listagem livre foi utilizada para cada informante que citou as dez plantas mais vendidas possibilitando a obtenção de informações detalhadas sobre as espécies, como principais indicações terapêuticas e partes dos vegetais mais consumidas. Os dados relacionados a partir deste levantamento foram confrontados com as espécies úteis encontradas na Lista Oficial de Espécies da Flora Brasileira Ameaçada de Extinção do IBAMA (1992), para verificar o “status” de conservação das espécies indicadas como medicinais e ritualísticas neste estudo. Ainda em relação às espécies, foram relacionadas e destacadas as nativas, das exóticas (espécies

espontâneas, subspontâneas e cultivadas).

As indicações terapêuticas foram adaptadas da Classificação Estatística Internacional para Doenças e Problemas Relacionados à Saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS 1996). Essa adaptação ocorreu devido à falta de detalhes sobre as doenças referentes às espécies indicadas, dificultando a inserção em um ou outro sistema de classificação. As espécies das quais foram obtidas maiores informações sobre o uso terapêutico foram inseridas no sistema de classificação da OMS, nas demais foram mantidos os usos informados pelos erveiros. Acrescentou-se a indicação popular relativa às plantas utilizadas em banhos ritualísticos, pois esta é uma importante categoria citada pelos erveiros, constituindo uma prática comum associada a enfermidades do espírito.

Para cada espécie de planta citada pelos informantes, calculou-se a importância relativa, com base na proposta de Bennett & Prance (2000). O cálculo da importância relativa, sendo dois o valor

máximo obtido por uma espécie, foi feito de acordo com a fórmula: $IR = NSC + NP$, onde NSC = número categorias terapêuticas tratadas por uma determinada espécie (NSCE), dividido pelo número total de categorias terapêuticas tratadas pela espécie mais versátil (NSCEV); NP = número de propriedades atribuídas a uma determinada espécie (NPE), dividido pelo número total de propriedades atribuídas à espécie mais versátil (NPEV).

A partir da técnica utilizada por Trotter & Logan (1986), buscou-se identificar as indicações terapêuticas que apresentaram maior importância nas entrevistas, a partir do “consenso dos informantes”. Nesta técnica os grupos de plantas merecedores de estudos são evidenciados, e para tal, utiliza-se a fórmula: $FCI = \text{nar-na} / \text{nar} - 1$ (onde FCI = fator de consenso dos informantes; nar = soma dos usos registrados por cada informante para uma categoria; e na = número de espécies indicadas para cada categoria).

Concomitantemente, a realização de cada entrevista, foi adquirido material botânico testemunho referente a cada planta citada nas entrevistas. Este foi herborizado e identificado, com base em literatura especializada, consulta a especialistas e por comparação na coleção do Herbário do JBRJ (RB), e por fim depositado nos Herbários do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB) e Universidade Santa Úrsula (RUSU).

Elaborou-se um registro para cada espécie vegetal indicada pelos erveiros, contendo: nome científico, família, nome vulgar, hábito, uso(s), parte utilizada, indicação terapêutica (Tab. 1).

Resultados e discussão

A venda de plantas para uso medicinal e ritualístico no Município do Rio de Janeiro é uma prática difundida, relacionada em parte ao mercado formal, com feirantes e erveiros licenciados em suas respectivas barracas; e a um mercado informal onde erveiros (não licenciados pela Prefeitura do RJ) comercializam plantas em bancas isoladas e/ou diretamente nas calçadas.

Nas feiras livres das zonas Norte e Sul do RJ observou-se um número equivalente entre o mercado formal e o informal. Nestes locais, produtos e subprodutos das plantas são vendidas a partir dos seus nomes populares que muitas vezes pode interferir no processo de qualidade e fiscalização sanitária, pois não há registros explícitos dos processos de coleta, identificação e armazenamento.

A partir da técnica de Listagem Livre foram

indicadas pelos erveiros 106 espécies úteis, distribuídas em 49 famílias botânicas e 92 gêneros. As seis famílias mais citadas foram Asteraceae (18 espécies), Lamiaceae (11 espécies), Leguminosae (seis espécies), Solanaceae, Poaceae e Verbenaceae (quatro espécies respectivamente) (Tab. 1). O hábito predominante foi o herbáceo (56,1 %), seguido do arbustivo (28,5%), arbóreo (11,4%) e trepadeira (3,8 %).

As entrevistas realizadas aos erveiros da zona Norte indicaram 57,5% do total das espécies úteis, sendo 45% relacionadas ao uso medicinal, 6,6% ritualísticas, e 5,6% medicinal-ritual. Já os erveiros da zona Sul indicaram 42,5% de espécies, sendo 32% utilizadas como medicinal; 6,6% ritualísticas; e 3,7% como medicinal-ritual.

Nas feiras estudadas tanto da zona Norte quanto da zona Sul do RJ, o uso medicinal foi o mais representativo seguido do uso ritualístico. Ao longo deste estudo foram consideradas mais duas categorias, devido à relevância observada nas entrevistas, a categoria medicinal-alimentar representadas por (brejo - *Tallinus patens* (L.) Wild., pau-d’alho - *Crataeva tapia* L., jamelão - *Syzygium cumini* (L.) Skeels. e pitanga - *Eugenia uniflora* L.), ritual-alimentar (jambú - *Acmella brachyolosa* Cass. e manjerição - *Ocimum basilicum* L.) e apenas uma espécie exclusivamente alimentar (louro - *Laurus nobilis* L.).

No que se refere à parte utilizada encontrou-se um amplo uso das folhas na preparação dos remédios (58%), seguido pelo uso da flor (16,1%), a planta toda foi utilizada em 10,7% dos casos, e em porcentagem menores caule (5,3%), frutos (4,3%), casca (3,2%) e raízes (2,1%). Em relação à forma de utilização das plantas, 50% das espécies medicinais são consumidas como chás para beber, e 100% das espécies ritualísticas na forma de banhos.

Comparando os resultados aqui apresentados com os realizados em outras feiras no Brasil, verificou-se que tanto em relação ao número de espécies quanto às espécies propriamente ditas, estes são semelhantes aos estudos realizados no Rio de Janeiro por Azevedo & Silva (2006); M.M. Stalcup (dados não publicados); Parente & Rosa (2001) (Tab. 2). Provavelmente, tal resultado relaciona-se com as espécies de ocorrência na Mata Atlântica, assim como o clima que propicia o cultivo de determinadas espécies, além dos aspectos culturais e tradicionais, especialmente pela influência européia que expressam o uso, extração e cultivo destas espécies comercializadas no Estado. E analisando os estudos realizados nas feiras e mercados na região Norte e Nordeste (Berg 1984; Pinto & Maduro 2003;

Tabela 1. Espécies úteis indicadas pelos erveiros das feiras livres das zonas Norte e Sul do Município do Rio de Janeiro, RJ, ordenadas por ordem alfabética de famílias botânicas (Uso: Al - alimentar, Med - medicinal, Ban - banho ritualístico; Parte da planta utilizada: Fo - folha, Fl - flor, Fr - fruto, Se - semente, Ca - casca, Rz - raiz, Pt - planta toda; Hab - hábito: Arb - arbóreo, Sub - subarbustivo, Her - herbáceo, Tre - trepadeira; N. Col.¹ = Número referentes às coletas de V. Maioli-Azevedo; *espécie nativa).

Família/Nome científico	Nome vulgar	Usos	Parte usada	Hab	N. Col. ¹
ALISMATACEAE					
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schlttdl.) Micheli*	chapéu-de-couro	Ban, Med	Fo	Arb	VMA 145
ANACARDIACEAE					
<i>Mangifera indica</i> L.	mangueira	Med	Fo	Arb	VMA 157
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi.*	aroeira	Ban	Fo	Arb	VMA 86
ANNONACEAE					
<i>Annona muricata</i> L.	graviola	Med	Fo, Fr	Arb	VMA 88
Indeterminada 1	guiné-caboclo	Ban	Fo	Her	VMA 146
APIACEAE					
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	erva-doce	Med	Fo	Her	VMA 35
APOCYNACEAE					
<i>Asclepia curassavica</i> L.	oficial-de-sala	Ban	Pt	Her	VMA 56
ASTERACEAE					
<i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC. *	macela	Med	Fo, Fl	Her	VMA 178
<i>Acmella brachyolosa</i> Cass.*	jambu	Al, Ban	Fo, Fl	Her	VMA 43
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	erva -de-são-joão	Med	Fo	Sub	VMA 9
<i>Artemisia absinthium</i> L.	losna	Med	Fo, Fr	Sub	VMA 158
<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	alecrim-do-campo	Med	Fo, Fl	Sub	VMA 80
<i>B. trimera</i> (Less.) DC.*	carqueja	Med	Ca	Her	VMA 69
<i>Bidens pilosa</i> L.*	picão	Med	Fo	Her	VMA 176
<i>Centratherum punctatum</i> Cass.*	balainho de velho	Med	Fo, Fl	Her	VMA 147
<i>Coreopsis grandiflora</i> Hogg ex. Sweet.	camomila	Med	Fo	Her	VMA 177
<i>Elephantopus angustifolius</i> Sw.	língua-de-vaca	Med	Pt	Her	VMA 183
<i>Emilia coccinea</i> Sims	dente-de-leão	Med	Fo, Fl	Her	VMA 63
<i>Helianthus annuus</i> L.	girassol	Med		Her	VMA 182
<i>Mikania glomerata</i> Spreng*	guaco	Med	Fo	Tre	VMA 55
<i>Pterocaulon alopecuroides</i> (Lam.) DC.	quitoco	Med	Fo	Her	VMA 160
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	arnica	Med	Fo, Fl	Her	VMA 26
<i>Tagetes erecta</i> L.	cravo	Ban	Pt	Her	VMA 41
<i>Vernonia condensata</i> Baker.	boldo	Med	Fo	Her	VMA 76
<i>V. scabra</i> Pers.	assa-peixe	Ban, Med	Fo	Sub	VMA 61
BIGNONIACEAE					
<i>Jacaranda</i> sp.*	carobinha	Med	Fo	Arb	VMA 87
BIXACEAE]					
<i>Bixa orellana</i> L.	urucum	Med	Se, Fo	Arb	VMA 157
BORAGINACEAE					
<i>Cordia monosperma</i> (Jacq.) Roem & Schult.*	baleeira-preta	Med	Fo, Fl	Arb	VMA 74
CAPPARACEAE					
<i>Crataeva tapia</i> L.*	pau d'alho	Al, Med	Fo, Fr, Ca	Arb	VMA 148
CAPRIFOLIACEAE					
<i>Sambucus nigra</i> L.	sabugueiro	Ban, Med	Fo, Fr	Arb	VMA 65
CHENOPODIACEAE					
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	mastruz ou santa maria	Med	Fo	Her	VMA 36
CHRYSOBALANACEAE					
<i>Chrysobalanus icaco</i> L.*	Abajiru	Med	Fo	Her	VMA 85
COSTACEAE					
<i>Costus spiralis</i> (Jacq) Roscoe *	cana-do-brejo	Med	Fo	Her	VMA 161
CRASSULACEAE					
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	saião	Med	Fo	Her	VMA 49
<i>K. pinnata</i> (Lam.) Pers	fortuna	Ban	Fo	Her	VMA 48
CUCURBITACEAE					
<i>Momordica charantia</i> L.	melão-de-são-caetano	Med	Fo, Fr	Her	VMA 32

continua

Tabela 1 (continuação)

Família/Nome científico	Nome vulgar	Usos	Parte usada	Hab	N. Col. ¹
EQUISETACEAE					
<i>Equisetum hyemale</i> L.	cavalinha	Med	Pt	Her	VMA 83
EUPHORBIACEAE					
<i>Acalypha poiretii</i> Spreng.	parietária	Med	Fo	Arb	VMA 38
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão	Ban, Med	Fo	Her	VMA 59
<i>Phyllanthus</i> sp.	quebra-pedra	Med	Fo, Fl	Her	VMA 163
FLACOURTIACEAE					
<i>Casearia sylvestris</i> Sw. *	são-gonçalino	Ban	Fo	Her	VMA 81
LAMIACEAE					
<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	macaça	Ban, Med	Fo, Fl	Her	VMA 58
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R.Br.	cordão-do- frade	Ban	Pt	Her	VMA 20
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	macaé	Med	Fo, Fl	Her	VMA 16
<i>Mentha gentilis</i> L.	alevante	Ban, Med	Fo	Her	VMA 149
<i>Mentha</i> subg. <i>Pulegium</i> (Mill.) Lam. & DC. ex Briq.	poejo	Med	Fo	Her	VMA 37
<i>M. piperira</i> var. <i>citrate</i> (Ehrh.) Briq.	elevante	Ban	Pt	Her	VMA 162
<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjeriço	Ban, Med	Fo	Her	VMA 179
<i>O. gratissimum</i> L.	alfavaca	Ban, Med	Fo, Fl	Sub	VMA 18
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	malva	Med	Fo	Her	VMA 173
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim-de- horta	Ban, Med	Fo, Fl	Sub	VMA 73
<i>Salvia officinalis</i> L.	sálvia	Al, Ban	Fo	Sub	VMA 175
LAURACEAE					
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	canela	Ban, Med	Fo, Ca	Arb	VMA 180
<i>Laurus nobilis</i> L.	louro	Al	Fo	Arb	VMA 174
LEGUMINOSAE					
<i>Bauhinia forficata</i> Link. subsp. <i>forficata</i> *	pata-de-vaca 1	Med	Fo	Her	VMA 14
<i>B. radiata</i> Vell *	pata-de-vaca 2	Med	Fo	Tre	VMA 181
<i>B. microstachya</i> Raddi*	pata-de-vaca 3	Med	Fo	Tre	VMA 13
<i>B. variegata</i> L.	pata-de-vaca 4	Med	Fo	Arb	VMA 64
<i>Desmodium adscendens</i> (SW) DC. *	amor-do-campo	Med	Fo	Her	VMA 25
<i>Mimosa pudica</i> L. *	dormideira	Med	Fo	Tre	VMA 40
LILIACEAE					
<i>Aloe arborescens</i> Mill.	babosa	Med	Fo	Her	VMA 172
LYTRACEAE					
<i>Cuphea carthagenesis</i> (Jacq.) J.F.Macbr.	sete-sangrias	Med	Fo	Her	VMA 10
LORANTHACEAE					
<i>Struthanthus concinnus</i> Mart.	erva-de- passarinho	Med	Fo	Tre	VMA 165
MALVACEAE					
<i>Gossypium barbadense</i> L.	algodão	Ban, Med	Fo	Arb	VMA 57
<i>Sida panicautis</i> Cav.	vassorinha	Med	Fo	Sub	VMA 29
MELASTOMATAACEAE					
<i>Miconia albicans</i> (Sw.)Triana. *	abranda-fogo	Ban	Fo	Sub	VMA 78
MELIACEAE					
<i>Melia azedarach</i> L.	pára-raio	Ban	Pt	Arb	VMA 44
MONIMIACEAE					
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl. *	negra-mina	Ban	Fo, Fl, Fr	Arb	VMA 150
MORACEAE					
<i>Cecropia hololeuca</i> Miq.*	embaúba - branca	Med	Fo	Arb	VMA 151
<i>Morus nigra</i> L.	amora	Ban, Med	Fo, Fr	Arb	VMA 23
<i>Sorocea guillemiana</i> Gaudich. *	espinheira-santa	Med	Fo	Arb	VMA 72
MUSACEAE					
<i>Heliconia psittacorum</i> L.f.	lírio	Ban	Fo, Fl	Arb	VMA 70
MYRTACEAE					
<i>Eugenia uniflora</i> L.*	pitanga	Al, Med	Fo, Fr	Arb	VMA 46
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	jamelão	Al, Med	Fo	Arb	VMA 89
PHYTOLACACEAE					
<i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné-piu-piu	Ban, Med	Fo	Sub	VMA 25

continua

Tabela 1 (continuação)

Família/Nome científico	Nome vulgar	Usos	Parte usada	Hab	N. Col. ¹
PIPERACEAE					
<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth.*	oriri	Ban, Med	Fo	Her	VMA 34
<i>Piper arborum</i> var. <i>falcifolium</i> (Trel.) Yunck.*	aperta-ruão ou vence-demanda	Ban, Med	Fo	Her	VMA 84
<i>P. hoffmann seggianum</i> Roemer & Schultes.*	jaborandi	Med	Fo	Arb	VMA 45
PLANTAGINACEAE					
<i>Plantago major</i> L.	transagem	Med	Fo	Her	VMA 152
POACEAE					
<i>Cenchrus ciliaris</i> L.	capim-angola	Ban	Fo, Fl	Her	VMA 79
<i>Coix lacrima-jobi</i> L.	lágrima-de-nossa-senhora	Ban, Med	Fo	Her	VMA 67
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf.	capim-limão	Med	Fo	Her	VMA 156
<i>Zea mays</i> L.	cabelo-de-milho	Med	Fo, Fl	Her	VMA 153
POLYGONACEAE					
<i>Antigonon leptopus</i> Hook & Arn.	amor-agarradinho	Ban	Pt	Tre	VMA 75
<i>Polygon spectabilis</i> L.	erva-de-bicho	Med	Fo	Her	VMA 176
PORTULACACEAE					
<i>Talinum patens</i> (L.) Willd	brede	Al, Med	Fo	Her	VMA 62
PUNICACEAE					
<i>Punica granatum</i> L.	romã	Med	Fo, Fr	Arb	VMA 166
RUBIACEAE					
<i>Coffea arabica</i> L.	café	Med	Fo, Fr	Sub	VMA 170
<i>Spermacoce verticillata</i> L.	peito-de-moça	Med	Fo, Fl	Her	VMA 31
<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Roem. & Schult) DC. *	unha-de-gato	Med	Fo, Fl, Ra	Her	VMA 171
RUTACEAE					
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	Ban, Med	Pt, Fo	Her	VMA 167
SCHIZAEACEAE					
<i>Lygodium volubile</i> Sw.	abre-caminho	Ban	Fo	Arb	VMA 53
SCROPHULARIACEAE					
<i>Scoparia dulcis</i> L.	vassorinha-de-nossa-senhora	Med	Fo	Her	VMA 30
SOLANACEAE					
<i>Cestrum laevigatum</i> Schldt. *	quairama	Med	Fo	Sub	VMA 39
<i>Solanum americanum</i> Mill. *	erva-moura	Ban, Med	Pt	Her	VMA 168
<i>S. argenteum</i> Dunal. *	erva-prata	Ban	Fo	Arb	VMA 82
<i>S. paniculatum</i> L. *	jurubeba	Med	Fo, Fl	Arb	VMA 52
STYRACACEAE					
<i>Styrax benzoin</i> Dryand.	bejoim	Ban	Fo, Fl	Arb	VMA 54
URTICACEAE					
<i>Urera mitis</i> L.	urtiga-branca	Ban, Med	Fo, Fl	Her	VMA 71
VERBENACEAE					
<i>Lantana camara</i> L.	cambará	Med	Fo, Fl	Arb	VMA 11
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. *	erva-cidreira	Med	Fo	Her	VMA 33
<i>Stachytarpheta cayannensis</i> (Rich.) M.Vahl. *	gervão- roxo	Med	Fo	Her	VMA 7
Indeterminada 2	alfazema	Ban	Her	Fo	VMA 42
VITACEAE					
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicholson & C.E.Jarvis.*	insulina	Med	Fo	Ter	VMA 155
ZINGIBERACEAE					
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt & R.M. Sm.	colônia	Ban	Fo	Her	VMA 17
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe.	gengibre	Med	Ra	Her	VMA 169

Almeida & Albuquerque 2002) verificou-se o fato contrário, ou seja, poucas espécies foram comuns, provavelmente por serem regiões de diferentes formações vegetais, bem como alta diversidade cultural, especialmente pela forte influência ainda indígena e africana existente (Tab. 2).

Do total das espécies identificadas, apenas 33% são nativas e 67% são exóticas, provenientes da Europa e África. Tal resultado demonstra a forte influência da cultura européia, especialmente para o uso de plantas medicinais, e da africana para as plantas ritualísticas na região metropolitana do Rio de Janeiro.

Begossi *et al.* (2002) também registraram a forte influência européia em relação ao uso de plantas medicinais por caiçaras da Mata Atlântica, uma vez que das 227 espécies estudadas, apenas 38% foram identificadas como nativas e as demais introduzidas e/ou exóticas. Almeida (2003) salientou que nas regiões Sul e Sudeste do Brasil as plantas medicinais de origem européia são mais representativas, por terem se adaptado e difundido facilmente devido à presença de imigrantes.

A partir das entrevistas, observou-se um expressivo interesse não só das plantas medicinais, como as associadas a rituais. Este fato, já havia sido ressaltado nos levantamentos etnomédicos realizados por Almeida (2003) nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e Salvador, onde registrou intenso consumo de espécies vegetais (de origem africana) através de terreiros afro-brasileiros, sendo estas plantas compradas em barracas de mercados populares e/ou erveiros de rua.

Ao compararmos as partes das plantas utilizadas neste estudo com as indicadas por Parente & Rosa (2001), Almeida & Albuquerque (2002) e Pinto &

Maduro (2003), embora estes estudos tenham demonstrado proximidade em termos de diversidade de espécies, em relação às partes utilizadas dos vegetais, não foi encontrada semelhança. Esse resultado pode ser relacionado, ao fato das espécies serem diferentes em cada região, mudando assim, o modo de utilização dessas plantas pelos erveiros.

Relacionou-se 29 indicações terapêuticas, sendo o banho ritualístico a categoria de uso mais citada (138 citações), seguida por problemas no pulmão (70 citações) e problemas no estômago (30 citações). As indicações terapêuticas indicadas pelos erveiros das zonas Norte e Sul também foram semelhantes às de Parente & Rosa (2001), pois a indicação para banhos ritualísticos foi alta (66,6%), seguido de problemas respiratórios e problemas na pele. Já Almeida & Albuquerque (2002), em Pernambuco, obtiveram resultados distintos, com maior número de usos reportados as espécies usadas em problemas respiratórios, seguidos por transtornos do sistema circulatório e sistema nervoso. Pinto & Maduro (2003), encontraram maior uso de plantas para inflamações diversas, seguido de gripe e tratamento de malária. Esse resultado pode estar relacionado à regionalidade das doenças, ou seja, as doenças, assim como as espécies, variam de região para região afetando e caracterizando o comércio local de plantas medicinais.

O banho ritualístico, de descarrego, para induzir o bem-estar, além de afastar maus espíritos e mau olhado, foi uma prática relevante neste estudo por apresentar um número significativo de espécies (exclusivas para este fim) e alto número de citações (138). Verger (1995), entre outros autores desenvolveram trabalhos relacionados a estas formas de utilização destacando a importância de uma investigação de caráter

Tabela 2. Comparação das informações compiladas de estudos realizados em feiras livres no Brasil, em ordem cronológica de publicação. (Nº Info - Número de informantes em cada trabalho; P.U. - Parte da planta mais utilizada em cada trabalho; C. Uso - Categoria de uso mais citada em cada trabalho; I. Ter. -Indicação terapêutica mais citada em cada trabalho; Nº. Esp. - Número de espécies totais encontrada em cada trabalho; Nº Esp. comuns - Número de espécies em comum com o presente estudo; Fo - folha; Ca - casca; Pt - planta toda; Me - espécies medicinais; Ri - espécies ritualística; Ba.- banhos ritualísticos; Re- problemas respiratórios; In - inflamações gerais).

Fonte	Local	Nº Inf	P.U.	C. Uso	I. Ter.	Nº Esp.	Nº Esp. comuns
Berg 1984	Belém, PA	-	-	Me	-	163	10
Stalcup 2000	Rio de Janeiro, RJ	5	Fo	Me/Ri	Ba	151	62
Parente & Rosa 2001	Barra do Pirái, RJ	2	Pt	Me	Ba	100	33
Almeida & Albuquerque 2002	Caruaru, PE	20	Ca/Fo	Me	Re	114	24
Pinto & Maduro 2003	Boa Vista, RO	5	Ca/Fo	Me	In	117	16
Azevedo & Silva 2006	Rio de Janeiro, RJ	29	-	Me/Ri	-	133	64
Presente estudo	Rio de Janeiro, RJ	54	Fo	Me/Ri	Ba	106	-

farmacobotânico em função dos princípios ativos, responsáveis pelos efeitos que causam àqueles que delas se utilizam.

A partir das entrevistas realizadas, pode-se verificar o modo de obtenção das 106 plantas indicadas, sendo que 66% dos erveiros compram suas plantas em grandes mercados da cidade, como CEASA, Mercado de Madureira e CADEG; 14% cultivam e 20% extraem da mata de diversos pontos da cidade.

A forma de obtenção das plantas indicadas pelos erveiros tanto da zona Norte quanto da zona Sul, foi bastante similar, pois na maioria destes erveiros as plantas são compradas em grandes mercados da cidade (CEASA, Mercado de Madureira e o CADEG) e depois repassadas nas feiras livres da cidade do RJ. Tal prática dificultou a análise do volume de plantas extraídas de áreas naturais, pois apenas 20% dos erveiros totais entrevistados, informaram que extraem plantas da Floresta da Tijuca, Mata do Grajaú, Tinguá, Magé, entre outros. Estas informações também foram relatadas por Parente & Rosa (2001), sendo que neste caso as extrações foram das matas de Barra do Pirai (25% das plantas vendidas foram provenientes de extrativismo). Já Azevedo & Silva (2006), encontraram valores relevantes de extração de plantas nas feiras e mercados da zona Oeste do Rio de Janeiro, pois relataram que 48,8% das espécies medicinais e ritualísticas vendidas foram originárias de extrativismo predatório.

Em relação à aplicação da fórmula de importância relativa, foram ressaltadas seis espécies (*Bidens pilosa* L., *Cinnamomum zeylanicum* Breyn., *Echinodorus grandiflorus* (Cham. & Schltdl.) Micheli, *Piper hoffmann seggianum* Roemer & Schultes., *Ruta graveolens* L., *Uncaria tomentosa* (Willd. ex Roem. & Schult) DC.) sendo estas as mais versáteis, com múltiplos usos que atingiram até cinco categorias de uso relacionadas (Tab. 4).

De acordo com o consenso dos informantes das feiras livres das zonas Norte e Sul do RJ, quanto à potencialidade das espécies de plantas citadas, as indicações terapêuticas que atingiram o valor máximo de consenso (FCI = 1) foram às categorias relacionadas a Neoplasias (câncer) e Transtornos Mentais e Comportamentais (Depressão). Esses valores indicam que essas categorias são culturalmente importantes e merecem estudos mais aprofundados (Tab. 3). Salienta-se a possível limitação do índice de Trotter & Logan (1986), pois este pode vir a supervalorizar determinadas categorias, como as encontradas neste estudo, devido ao baixo número de

citações e espécies envolvidas que permitiu atingir o valor máximo de consenso para nas duas categorias citadas. Tal fato, sobre a possível supervalorização de dados a partir da aplicação deste índice, pode ser observado também no estudo de Almeida & Albuquerque (2002), cuja categoria de uso em destaque foi a de transtornos do sistema sensorial (ouvido), obtida a partir do valor máximo de FCI (sistema sensorial) que apresentou o valor mais baixo de número de espécie (uma espécie), com apenas dois usos reportados a essa referida espécie. Com isto, refletindo sobre os respectivos resultados obtidos a partir do uso do índice de Trotter & Logan (1986), sugere-se maior atenção na análise dos resultados, pois tal índice tende a valorizar espécies pouco indicadas.

Ao comparar as espécies indicadas pelos erveiros das zonas Norte e Sul, com a Lista de Espécies Ameaçadas do IBAMA (1992), observou-se que não há espécies em perigo ou ameaçadas de extinção. Tal fato, provavelmente está relacionado ao hábito, uma vez que as espécies registradas no documento do IBAMA apresentam porte arbóreo, e as indicadas no presente estudo na maioria são herbáceas.

O extrativismo predatório é uma prática significativa que leva a perpetuação de um mercado clandestino de plantas medicinais e/ou ritualísticas. Isto dificulta a obtenção de dados fidedignos sobre a procedência das plantas medicinais e/ou ritualísticas vendidas nas feiras livres e mercados. Em seu estudo nas feiras livres e mercados no RJ, Azevedo & Silva (2006), obtiveram 48,8% do material botânico oriundo de extrativismo, sendo que 54,9% das plantas ocorrem em Ambientes de Mata Atlântica. Conseqüentemente, destacam-se a importância do estabelecimento de linhas de ação voltadas para o desenvolvimento, conservação e manejo, visando à utilização sustentável destas espécies.

Ressalta-se que o sistema terapêutico dos erveiros nas feiras livres do RJ é dinâmico e aberto a influências externas (eg. a mídia através de telejornais, revistas), alterando o caráter tradicional desse conhecimento. As indicações terapêuticas, assim como as partes da plantas mais utilizadas em feiras livres, provavelmente podem alterar conforme a região estudada, porém torna-se necessário e urgente uma maior coleta de dados padronizados nas feiras livres e mercados para melhor inferir sobre este resultado.

Os erveiros em determinados casos indicam e vendem plantas medicinais que ainda não tem validação, e/ou não tiveram seus compostos químicos testados, análises toxicológicas finais, como por exemplo, a venda

Tabela 3. Indicações terapêuticas encontradas nas feiras livres das zonas Norte e Sul do município do Rio de Janeiro, RJ, adaptadas da Classificação Estatística Internacional para Doenças e Problemas relacionados à Saúde da OMS (1996), ordenada por número de citações (Nº de citações - número de vezes que determinada categoria foi citada, Nº de espécies - número de espécies indicadas para determinada categoria, FCI = fator de consenso dos informantes).

Categoria de indicações terapêuticas	Nº de citações	Nº de espécies	FCI
Neoplasia	2	1	1
Transtornos mentais e comportamentais (depressão)	5	1	1
Doenças dos olhos (conjuntivite, coceira)	11	2	0,9
Problemas no cabelo	24	4	0,86
Doenças do sistema endócrino (diabetes)	21	4	0,85
Anti-inflamatório (geral)	21	4	0,85
Doenças do aparelho respiratório (asma, bronquite, tuberculose, gripe)	70	12	0,84
Banhos ritualísticos (descarrego, astral, limpeza)	138	26	0,81
Anti-pirético (febre)	2	5	0,75
Doenças nutricionais e metabólicas (colesterol)	5	2	0,75
Anti-hipertensivo (pressão alta)	9	3	0,75
Analgésico (dores não definidas)	7	3	0,66
Doenças do sistema osteomuscular (artrose e reumatismo)	4	6	0,6
Anti-helmíntico	10	5	0,55
Abortiva	3	2	0,5
Anti-diarrêico	3	2	0,5
Efeito sedativo (calmante)	9	5	0,5
Doenças do aparelho circulatório (coração)	3	2	0,5
Banhos medicinais (coceiras, manchas na pele, lavagens para afecções femininas)	16	9	0,46
Doenças do aparelho digestivo (hepatite e indigestão)	35	21	0,4
Doenças do aparelho geniturinário (diurético, pedra nos rins)	18	12	0,35
Cicatrizantes	4	3	0,33
Emagrecer	4	3	0,33
Doenças do sangue e órgãos hematopoéticos (anemia e circulação)	4	5	0,25
Emenagoga	1	1	0
Menopausa	2	2	0
Tônico	2	2	0

de *Sorocea guilleminiana* e *Bauhinia variegata*. Neste caso, seria interessante criar estratégias de aproximação entre erveiros e instituições de pesquisa para proporcionar maior troca de informações tanto científicas como empíricas, para que os produtos vendidos tenham melhor qualidade para o consumidor, bem como orientações relacionadas à forma de obtenção destas plantas, pois muitas vêm sofrendo com o forte processo de extrativismo.

Almeida (2003) ressalta que algumas espécies vegetais produzem substâncias tóxicas e pode-se relacionar que cerca de 25,5% das plantas indicadas pelos erveiros nas feiras estão registradas na Lista de Plantas Tóxicas do PROPLAM e do Center for Food Safety & Applied Nutrition (CFAN), e 15% destas espécies possuem contra-indicações para gestantes e mulheres que estão amamentando (SUS 2004). Ou seja, é urgente a criação de estratégias que orientem, especialmente os erveiros que tem contato direto com os consumidores, para garantir melhor qualidade dos

produtos vendidos nas feiras livres.

No Brasil muitos estudos sobre plantas medicinais, seus usos e princípios ativos vêm sendo desenvolvidos há muitos anos e em diferentes áreas de conhecimento (botânica, farmacologia, agronomia, entre outras). Entretanto há pouca difusão e divulgação destes resultados obtidos para a população em geral e consumidora destas plantas. Torna-se urgente o incremento de estudos interdisciplinares para difusão destes conhecimentos, principalmente no sentido de informar e alertar sobre os possíveis males causados por determinadas plantas ou grupos vegetais à população.

Ressalta-se a necessidade do desenvolvimento de estudos sobre comércio de plantas medicinais nativas, assim como sobre cultivo e validação destas plantas para utilização como medicamentos, ou aproveitá-las adequada e economicamente de forma regional e nacional (TRAFFIC 2001).

Informações obtidas de estudos desta natureza podem vir a ser aplicados em ações direcionadas a

Tabela 4. Valores de importância relativa (IR) de cada espécie vegetal utilizada como medicinal e ritualística pelos erveiros das feiras livres das zonas Norte e Sul do município do RJ, organizada por ordem decrescente de IR.

Nome científico	IR	Nome científico	IR
<i>Bidens pilosa</i> L.	1,2	<i>Centratherum punctatum</i> Cass.	0,4
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	1,2	<i>Cestrum laevigatum</i> Schtdl.	0,4
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schtdl.) Micheli	1,2	<i>Chrysobalanus icaco</i> L.	0,4
<i>Piper hoffmann seggianum</i> Roemer & Schultes.	1,2	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicholson & C.E. Jarvis.	0,4
<i>Ruta graveolens</i> L.	1,2	<i>Coix lacrima-jobi</i> L.	0,4
<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Roem. & Schult) DC.	1,2	<i>Cordia monosperma</i> (Jacq.) Roem & Schult.	0,4
<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	1	<i>Coreopsis grandiflore</i> Hogg ex. Sweet.	0,4
<i>Crataeva tapia</i> L.	1	<i>Cuphea carthagenesis</i> (Jacq.) J.F. Macbr.	0,4
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	1	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	0,4
<i>Petiveria alliacea</i> L.	1	<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	0,4
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi.	1	<i>Elephantopus angustifolius</i> Sw.	0,4
<i>Sida panicautis</i> Cav.	1	<i>Equisetum hyemale</i> L.	0,4
<i>Sorocea guilleminiana</i> Gaudich.	1	<i>Eugenia uniflora</i> L.	0,4
<i>Aloe arborescens</i> Mill.	0,8	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	0,4
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt & R.M. Sm.	0,8	<i>Gossypium barbadense</i> L.	0,4
<i>Artemisia absinthium</i> L.	0,8	<i>Helianthus annuus</i> L.	0,4
<i>Baccharis dracuntifolia</i> DC.	0,8	<i>Heliconia psittacorum</i> L. f.	0,4
<i>Bixa orellana</i> L.	0,8	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	0,4
<i>Cenchrus ciliaris</i> L.	0,8	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	0,4
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	0,8	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers	0,4
<i>Emilia coccinea</i> Sims	0,8	<i>Lantana camara</i> L.	0,4
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	0,8	<i>Laurus nobilis</i> L.	0,4
<i>Melia azedarach</i> L.	0,8	<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	0,4
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana.	0,8	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	0,4
<i>Ocimum basilicum</i> L.	0,8	<i>Lygodium volubile</i> Sw.	0,4
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	0,8	<i>Mangifera indica</i> L.	0,4
<i>Sambucus nigra</i> L.	0,8	<i>Mentha gentilis</i> L.	0,4
<i>Stachytarpheta cayannensis</i> (Rich.) M. Vahl.	0,8	<i>Mentha piperita</i> var. <i>citrata</i> (Ehrh.) Briq.	0,4
<i>Tallinum patens</i> (L.). Willd	0,8	<i>Mentha</i> subg. <i>Pulegium</i> (Mill.) Lam. & DC. ex Briq.	0,4
<i>Vernonia condensata</i> Baker.	0,8	<i>Mikania glomerata</i> Spreng	0,4
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe.	0,8	<i>Mimosa pudica</i> L.	0,4
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	0,6	<i>Morus nigra</i> L.	0,4
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	0,6	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth.	0,4
<i>Coffea arabica</i> L.	0,6	<i>Phyllanthus</i> sp.	0,4
<i>Jacaranda</i> sp.	0,6	<i>Piper arborum</i> var. <i>falcifolium</i> (Trel.) Yunck.	0,4
<i>Momordica charantia</i> L.	0,6	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	0,4
<i>Plantago major</i> L.	0,6	<i>Polygonum spectabilis</i> L.	0,4
<i>Solanum americanum</i> Mill.	0,6	<i>Pterocaulon alopecuroides</i> (Lam.) DC.	0,4
<i>Solanum paniculatum</i> L.	0,6	<i>Punica granatum</i> L.	0,4
<i>Costus spiralis</i> (Jacq) Roscoe	0,41	<i>Salvia officinalis</i> L.	0,4
<i>Acalypha poiretii</i> Spreng.	0,4	<i>Scoparia dulcis</i> L.	0,4
<i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC.	0,4	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	0,4
<i>Acmella brachyolosa</i> Cass.	0,4	<i>Solanum argenteum</i> Dunal.	0,4
<i>Annona muricata</i> L.	0,4	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	0,4
<i>Antigonon leptopus</i> Hook & Arn.	0,4	<i>Spermacoce verticillata</i> L.	0,4
<i>Asclepia curassavica</i> L.	0,4	<i>Struthanthus concinnus</i> Mart.	0,4
<i>Bauhinia forficata</i> Link. subsp. <i>forficata</i>	0,4	<i>Styrax benzoin</i> Dryand.	0,4
<i>Bauhinia microstachya</i> Raddi	0,4	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	0,4
<i>Bauhinia radiata</i> Vell	0,4	<i>Tagetes erecta</i> L.	0,4
<i>Bauhinia variegata</i> L.	0,4	<i>Urera mitis</i> L.	0,4
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	0,4	<i>Vernonia scabra</i> Pers.	0,4
<i>Cecropia hololeuca</i> Miq.	0,4	<i>Zea mays</i> L.	0,4

orientação tanto à erveiros quanto à consumidores de plantas, fornecer informações relevantes para a Vigilância Sanitária e órgãos de fiscalização; e especialmente subsidiar estudos de conservação e manejo de espécies medicinais.

Agradecimentos

Aos erveiros das zonas Norte e Sul do Município do Rio de Janeiro por compartilharem seus conhecimentos; aos botânicos: Ângela Vaz, Alexandre Quinet, Elsie F. Guimarães, R.M. Harley, Inês Machline, João Marcelo A. Braga, Marcela S. Kropf, Massimo G. Bovini, Ravena Dias de Melo, Regina H. P. Andreato, Roberto Esteves, Robson D. Ribeiro, Vidal Mansano, pela identificação taxonômica do material encontrado nas feiras livres; Thiago M. Azevedo pelo mapa, Isa Maioli pela revisão do texto e Dra. Christina Paixão pela ajuda com a tabela três.

Referências bibliográficas

- Alexiades, M.N. 1996. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York, The New York Botanical Garden Press.
- Almeida, M.Z. 2003. **Plantas medicinais**. 2 ed. Salvador, EDUFBA.
- Almeida, C.F.C.B. & Albuquerque, U.P. 2002. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência** 26(6): 276-285.
- Akerle, O. 1998. Medicinal plants and primary health care: an agenda for action. **Fitoterapia** 59: 355-363.
- Azevedo, S.K.S. & Silva, I. M.2006. Comercialização de plantas medicinais e de uso religioso no município do Rio de Janeiro. **Acta Botanica Brasilica** 20(1): 185-194.
- Balick, M.J.; Kronenberg, F.; Ososki, A.L.; Reiff, M.; Fugh-Berman, A.; O'Connor, B.; Roble, M.; Lohr, P. & Atha, D. 2000. Medicinal plants used by Latino healers for women's health Conditions. New York City. **Economic Botany** 54(3): 344-357.
- Begossi, A.; Hanazaki, N. & Tamashiro, J.Y. 2002. Medicinal plants in the atlantic forest (Brazil): knowledge, use, and conservation. **Human Ecology** 30(3): 281-299.
- Bennett, B.C. & Prance, G.T. 2000. Introduced plants in indigenous pharmacopoeia of Northern South America. **Economic Botany** 54: 90-102.
- Berg, M.E.V.D. 1984. Ver-o-peso: The Ethnobotany of an Amazonian Market. In: **Advances in Economic Botany**. G.T. Prance & Kallunki. v. 1. The New York Botanical Garden.
- Bernard, R.H. 1989. **Research methods in cultural anthropology**. Londres, SAGE Publications, Inc.
- Bodeker, G.C. 1994. Global health traditions. Pp. 279-290. In: M.S. Micozzi, ed. (1996). **Fundamentals of complementary and alternative medicine**. New York, Camarra, D. 1995. **O pensamento médico popular**. Ribro Soft, Ed. e Informática Ltda. RJ-Brasil.
- Center for Food Safety & Applied Nutrition (CFAN) – Poisonous Plant Database <http://vm.cfsan.fda.gov/~djw/plantnam.html> (Acesso: 22/11/2004).
- Cotton, C.M. 1996. **Ethnobotany: principles and applications**. England, Wiley.
- Cunningham, A.B. 1993. **Ethics, etnobiological research, and biodiversity**. WWF International publications. B. Lindsay (ed.). Gland, Switzerland.
- Gorberg, S. & Fridman, S.A. 2003. **Mercados no Rio de Janeiro - 1834-1962**. Rio de Janeiro.
- Gottlieb, O.R.; BORIN, M.R.M.B.; Pagotto, C.L.A.C. & Zocher, D. H.T. 1998. Biodiversidade: o enfoque interdisciplinar brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva** 3(2): 97-102.
- IBAMA. 1992. **Lista oficial de espécies da flora brasileira ameaçada de extinção**. Anexo 2, Portaria n 37-N.
- IUCN 1993. **Guidelines on the conservation of medicinal plants**. IUCN, WHO and WWF, Gland, Switzerland.
- Martin, G.J. 1995. **Ethobotany - A method manual**. New York, Chapman & Hall.
- Organização Mundial de Saúde (OMS). 1996. **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde**. Décima revisão. Edusp.
- Organização Mundial de Saúde (OMS). 2002. **Estratégia de la OMS sobre medicina tradicional 2002-2005**.
- Parente, C.E.T & Rosa, M.M.T. 2001. Plantas comercializadas como medicinal no Município de Barra do Piraí, RJ. **Rodriguésia** 52(80): 47-59.
- Pinto, A.A.C. da & Maduro, C.B. 2003. Produtos e subprodutos da medicina popular comercializados na cidade de Boa Vista, Roraima. **Acta Amazônica** 33(2): 281-290.
- Prefeitura do Estado do Rio de Janeiro**. 2003. <http://www.rio.rj.gov.br/clf/feiras/feirart.htm> (Acesso: 22/04/2003).
- PROPLAM - Programa de Plantas Medicinais. 2000. **Fitoterapia na assistência à Gestante**. Secretaria de Saúde do Estado. Rio de Janeiro, RJ.
- Reis, M.S. 1996. Manejo sustentado de plantas medicinais em ecossistemas tropicais. Pp. 199-215. In: **Plantas Medicinais: arte e ciência - um guia multidisciplinar**. L.C. Di Stasi, (org.). São Paulo, Ed. Unesp.
- Santos, M.G. & Silvestre, L.S. 2000. Pteridófitas comercializadas por erveiros de Niterói e do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Uma abordagem etnobotânica. **Leandra** 15: 79-90.
- SAREM/ SEPLAN - RR. 1982. **O que é preciso saber sobre mercados e feiras livres**. Rio de Janeiro.
- Shanley, P.; Luz, L. & Swingland. 2002. The faint promise of a distant market: a survey of Belem's trade in non timber forest products. **Biodiversity and Conservation** 11: 615-632.
- Simões, C.M.O.; Mentz, L.E.; Schenkel, E.P.; Irgang, B.E. & Stehmann, J.R. 1998. **Plantas medicinais populares no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre, Ed. Univers.
- Sistema Único de Saúde (SUS)**. 2004. Secretária de Saúde do Estado do Rio de Janeiro. <http://www.saude.rj.gov.br/> (Acesso: 11/2004).

- TRAFFIC. 2001. **Plantas medicinais do Brasil: aspectos gerais sobre a legislação e Comércio.** WWF/IBAMA.
- Trotter, R.T. & Logan, M.H. 1986. Informant consensus: a new approach for identifying potentially effective medicinal plants. Pp. 91-112. In: N.L. Etkin (ed.). **Plants in indigenous medicine and diet: biobehavioral approaches.** New York, Redgrave Publishing C.
- Weller, S.C. & Kimball-Romney, A. 1988. **Systematic data collection.** Newbury, SAGE.
- World Health Organization. 2002. **General guidelines for methodologies on research and evaluation of traditional medicine.** Geneva.
- Verger, P.F. 1995. **Ewé: o uso das plantas na sociedade ioruba.** São Paulo, Companhia das Letras.